

4.

JULHO · 2018

*Ponte de Lima:  
do passado ao presente,  
rumo ao futuro!*



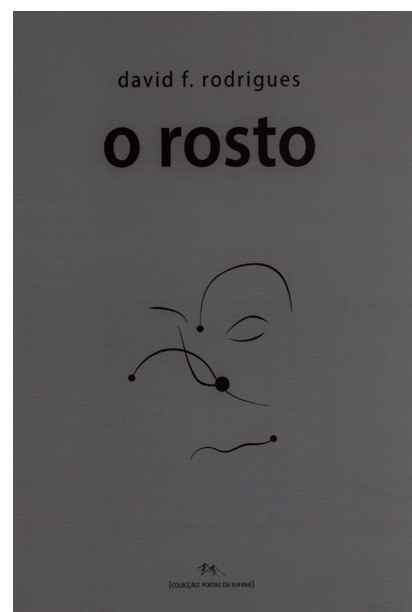
# O ROSTO, POESIA DE DAVID F. RODRIGUES

## CLÁUDIO LIMA

David F. Rodrigues (Mato, Ponte de Lima, 6-3-1949) publicou no início do ano corrente um livrinho de diminuto corpo mas de excelente qualidade, tanto no apuro gráfico como, sobretudo, na oferta poética com que nos brinda. Trata-se de **o rosto**, revelado no mês de fevereiro pº pº pelas edições **Eufeme**, de Leça da Palmeira. Já em 2015, com um livro em que alia uma lúcida e corrosiva dissecação do Portugal de hoje a uma hábil imitação da nossa poesia medieval – estes cantares fez &

**som escarnhos d'ora** – (Ed. de A., Viana do Castelo), saudou-se vivamente o seu “regresso” ao convívio dos poetas seus pares. É que, desde 1988, ano em que publicou **O Que É Feito de Nós** (*Límia*, Viana do Castelo), por força de seus afazeres letivos e da sua valorização académica, deixou a atividade literária em suspenso por quase três longas décadas.

Produziu e publicou, entretanto, trabalhos de índole científica e pedagógica, associados à preparação do mestrado (1995) e do



doutoramento (2003), no âmbito da Linguística / Teoria do Texto, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. As respetivas dissertações **Para a Análise Conversacional da Arca de Noé**, III Classe de Aquilino Ribeiro e Cortesia Linguística: uma Competência Discursivo-Textual, encontram-se acessíveis em suporte digital. Alguns trabalhos relacionados, bem como outros de outra natureza, designadamente os dedicados a Camilo Castelo Branco e Viana do Castelo, foram divulgados em publicações de especialidade, posteriormente autonomizados em separatas.

Se a atividade propriamente dita *literária*, em que tinha demonstrado inequívocas provas de excelência e regularidade, esteve ausente por dilatado tempo de prelos e expositores, não se infira um absoluto abandono ou interrupção de tal prática. Além de aparições esporádicas em obras temáticas de coautoria, David F. Rodrigues foi arquivando projetos, tópicos, esboços para futuro aprofundamento e estruturação. A sua passagem à situação de aposentado, ocorrida em 2010, veio proporcionar-lhe a disponibilidade de tempo e de espírito requerida para dar corpo e divulgação a tais escritos embrionários.

...

E assim, é-nos grato saudar e proveitoso usufruir (d)esta recolha poética, pequena mas substancial-

mente rica; este *rosto* composto de algumas máscaras em que o Autor se expõe e ao mesmo tempo se dá ao fingimento, segundo a estratégia insincera preconizada por Pessoa e o desdobramento da personalidade na dicotomia eu / o outro, experimentado por Mário de Sá-Carneiro. Regredindo no tempo, e consultando Frei Francisco de S. Luís, o Cardeal Sarai-va, religioso beneditino, filólogo e linguista entre os mais competentes da sua época, egrégia figura limiana, no primeiro tomo da sua obra **Ensaio sobre alguns Synonymos da Lingua Portugueza**<sup>[1]</sup>, ao observar as gradações ou *nuan-ces* semânticas entre o grupo vocabular formado por *cara – rosto – semblante – face – vulto*, opina que “rosto tem uma significação mais ampla; e parece exprimir a parte dianteira, que é justamente a mais saliente, a que mais aparece, ou primeiro se adverte, tanto no homem, como em outros objetos.” (págs 25 / 26)

É, com efeito, através do rosto que o ser humano, e de um modo especial o poeta, vê e interioriza; se emociona e se maravilha ou se autoflagela e desespera, consoante os estados de alma que a realidade circundante lhe impõe. Ele é o espelho, mesmo se baço, mesmo quando poliédrico, onde aflui a substância magmática do nosso eu profundo, desagua o caudal tumultuoso de sentimentos, emoções, sensações e volições expressos em traços de serenidade, crispção, dúvida, angústia, etc. No que ao ato criador concerne, o

“

*Se a atividade propriamente dita literária, em que tinha demonstrado inequívocas provas de excelência e regularidade, esteve ausente por dilatado tempo de prelos e expositores, não se infira um absoluto abandono ou interrupção de tal prática.*

”

[1] S. LUÍS, FREI FRANCISCO DE – **ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS DA LINGUA PORTUGUEZA** – 2 VOLUMES DE 254 E 228 PP – ED. TYP. COMMERCIAL DE G. DELIUS, SANTOS – 1856. A 1.ª ED. É DE 1821.

rosto o anuncia em júbilo pela palavra descoberta e transformada em fonte de emanção do ser, no seu estado de atualização e contingência, mas também de porfia ganha no superar dos obstáculos e limitações impostos por naturais constrangimentos da humana condição.

Pretendem estas prévias considerações enquadrar o **rosto** de David F. Rodrigues num plano ou plataforma de legibilidade poética. Curiosamente o lexema que batiza o livro aparece duas vezes apenas no conjunto de 23 textos: no 1.º: “se um dia der // a minha vida um livro / uma só página há de ter // o rosto” (1. Pág. 9) e no último: “quando um dia inscrever / o meu poema na pétala mais breve / da mais simples flor de incenso // consentirei que ao posto / de poeta me dês rosto” (23. Pág. 35). É num futuro condicional, portanto, que o poeta projeta o pleno alcance do seu ideal. Citando o pessoano Alberto Caeiro, David F. Rodrigues pode dizer que “viu como um danado”, porque sendo genuinamente lírica, a sua poesia é acentuada e recorrentemente de imersão no tempo e na circunstância; veicula uma visão desencantada e denunciadora de uma sociedade contemporânea órfã de referências mobilizadoras, vazia de crenças, mergulhada num pântano de vilanias e corrupções.

Parabolicamente, vemo-lo na pele de um agricultor impotente perante a sua granja inçada de pragas e ervas daninhas, invadida por predadores: “toupeiras ratos e ou-

tros males”; “mal chega o mês da colheita / já bicho de avaro bico e boca insatisfeita / saciado está em me fazer desfeita // resta-me então o restolho rasteiro / memória dos grãos que lanço à eira / com destino incerto no espigueiro” (9. Pág. 17) Sendo metaforicamente agrícola, a poesia acaba por ser alimento. Para David F. Rodrigues, na senda de Natália Correia<sup>[2]</sup>, ela “é para comer”, no sentido em que entra no processo alimentar do nosso espírito; “é com poucas e vulgares palavras / como géneros de pura subsistência / que cuido e preparo os alimentos / que maior prazer à língua me dão // é na irrepetível e cuidada sintaxe / dos seus aromas texturas e cores / selecionados com persistência / que verso a verso discurso a refeição // busco só parcos e refinados sabores” (4. Pág. 12)

Noutra perspetiva, poderemos falar numa relação amor / desamor insuperável, experimentado no limite de um discurso que sempre fica aquém do desejado, provocando estados de ansiedade e angústia. Se é desígnio e ambição da poesia iluminar o mundo com a mais pura claridade que dorme no interior da palavra, a atitude do verdadeiro poeta nunca é triunfalista, antes reveladora de uma certa impotência e frustração. Se “escrever é um suplício”, como afirmou o grande romancista norte-americano Philip Roth recentemente falecido, escrever poesia é-o duplamente, na medida em que porfia conduzir a palavra e sua semântica a níveis de leitura múltiplos.

[2] CORREIA, NATÁLIA  
— POEMA “A DEFESA  
DO POETA” EM *POESIA  
COMPLETA* — ED. DOM  
QUIXOTE, LISBOA, 1999

tiplos e sobrepostos, inesgotáveis de desafio e sedução. Confessa o Autor: “a mim a poesia faz-me / um mal terrível vício / contraído na juventude / incorrigível devora-me // noite e dia horas a fio / sem descanso”. (13. Pág. 23)

Para aqueles que ligeiramente a tratam, levianamente se consideram seus representantes legítimos e credenciados, exibindo fátua mediocridade e prosápia, tem David F. Rodrigues um conselho sábio ao mesmo tempo que pleno de mordacidade: “para busto teres na praça / não basta rimares de graça // precisas doutra resposta / evita pôr a bota na bosta // nunca terás o que pedes / cheirando assim como fedes” (16. Pág. 28) Ao contrário, pratica ele uma atitude de humilde expectativa e perseverança, ciente de que resta a cada poeta a possibilidade de lançar uma minúscula réstia de luz sobre a opacidade e o desconcerto do mundo; aquela lábil faúlha que resulta do espanto de um olhar-ver-penetrar os fenómenos com o propósito de atingir a mais profunda essência das coisas, o mais velado rosto do mistério. “mas o que é e para que serve / hoje a poesia me perguntas // não sei nunca saberei / com certeza responder-te (...)”. (20. Pág. 32)

Advirta-se, a encerrar este breve comentário, que um leitor menos familiarizado com os aspetos formais da nossa poesia de hoje achará na estrutura de o rosto algo de displicente se não de caótico. Um equívoco, naturalmente. Estes poemas foram criteriosamente elaborados; evidenciam disciplinada

contensão, originalidade construtiva, domínio perfeito das figuras de estilo e dos mais sugestivos recursos linguísticos. Características que postulam uma leitura lenta e atenta, realizada como quem saboreia a mais deliciosa iguaria.

maio de 2018

“

*Noutra perspetiva, poderemos  
falar numa relação amor  
/ desamor insuperável,  
experimentado no limite de  
um discurso que sempre fica  
aquém do desejado, provocando  
estados de ansiedade e angústia.*

”